

Aos onze dias do mês de julho de 2024, reuniram-se os membros do Conselho de Previdência do Fundo de Previdência Social do Município de Edéia, Estado de Goiás, Sra. Raphaela Alves Resende, Gestora Administrativa, Sr. Divino Gesuíno da Silva, Tesoureiro, Sra. Divani Teles da Silva Assis, Presidente, Sra. Ivone Rodrigues da Silva, secretária, Sra. Jordhana Cristina Pires de Souza, Sra. Andrea Batista Gomes, Sra. Germana Stella de Souza Vitória e Sr. Zilmar Faria Barros para deliberar sobre o fechamento dos resultados referente a carteira de investimentos do Edéia Prev no mês de junho de 2024. A gestora administrativa, Sra. Raphaela, relata que o portfólio de aplicações, em junho de 2024, encerrou com um valor total de R\$ 12.130.510,72, além de um saldo remanescente em disponibilidades financeiras de R\$ 1.181.328,98. O patrimônio supracitado encontra-se distribuído em sete fundos de investimentos geridos e administrados pela Caixa Econômica Federal, detentora de 13,71% das aplicações, pelo Banco do Brasil, detentor de 77,66% dos recursos e Bradesco com 8,63% do patrimônio do Edéia Prev. Divino salienta que do total de recursos investidos, 22,54% estão alocados no segmento IDKA IPCA 2A, seguido por 2,48% em IPCA, 14,18% em CDI e 60,79% em IRF-M 1. O mês foi de estresse e volatilidade para os ativos domésticos, dado o crescente ceticismo dos investidores em relação à capacidade do governo de promover o equilíbrio das contas públicas. O destaque do período foi o dólar, que saltou 6,43% ante o real – que termina junho a um fio de cabelo dos R\$ 5,60 no mercado à vista, registrando seu pior primeiro semestre desde 2020, ano da pandemia de Covid-19. “Dólar tem refletido um movimento muito forte de aversão a risco nas últimas semanas: um pico de volatilidade originado em questões de cunho fiscal, nubladas pelo governo. Não há contraparte, pelo lado dos gastos, para as iniciativas baseadas apenas em aumento de arrecadação, nos últimos meses. Os investidores realmente perderam a paciência, diante da incerteza fiscal”, avalia Felipe Moura, analista da Finacap Investimentos. O mercado tem acompanhado críticas do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao Banco Central e a seu presidente, Roberto Campos Neto; temores de interferência política na autoridade monetária; e descartes de possibilidades de contenções de despesa. Nos Estados Unidos, em contrapartida, há recordes sucessivos nos principais índices de ações e sinais de que o Federal Reserve (Fed, o banco central americano) será o último dos grandes bancos centrais a

cortar as taxas de juros, o que também favorece a moeda americana, diz Jolig, diretor de investimentos da Alphatree. Apesar da recuperação parcial em junho (+1,48%), o Ibovespa também teve o pior primeiro semestre desde a pandemia, quando havia mergulhado 17,80% entre janeiro e junho de 2020, então no auge do temor global sobre a Covid-19 e o respectivo efeito na economia mundial. Quatro anos após a crise sanitária, o índice da B3 acumula perda nominal de 7,66% nos seis primeiros meses de 2024. Para Pedro Lang, especialista da Valor Investimentos, apesar da volatilidade da Bolsa brasileira em junho, o Ibovespa conseguiu sustentar uma leve recuperação a partir da decisão unânime do Comitê de Política Monetária (Copom) por manter a Selic a 10,50% ao ano, “o que tranquilizou um pouco”. “Mas quando olhamos para a curva de juros [futuros], e o dólar para cima, o mercado segue bem estressado, com muita atenção ainda ao fiscal”, acrescenta Lang. “Sem um mínimo de coesão no discurso fiscal, não há espaço para manter a toada dos últimos 15 dias, de recuperação da Bolsa.” Os juros futuros, inclusive, estão em níveis não vistos desde abril e maio do ano passado, quando o novo governo dava os seus primeiros passos e havia grande incerteza fiscal. Além da crise de credibilidade do governo, as taxas olham dados ruins do setor público – com a Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG) de 76,8% atingindo o nível mais alto desde fevereiro de 2022 – e sinais robustos vindos do mercado de trabalho. No exterior, os índices de Nova York fecharam o mês com ganhos de 1,12% (Dow Jones), 3,47% (S&P 500) e 5,96% (Nasdaq), com alta das ações ligadas à inteligência artificial e dados indicando espaço para corte nos juros nos próximos meses – após novo anúncio de manutenção dos Fed Funds. Já na Europa, as atenções se voltaram para a França, pelo temor de que as eleições legislativas antecipadas resultem em um enfraquecimento legislativo do presidente Emmanuel Macron. Neste domingo, dia 30, será realizado o primeiro turno das eleições parlamentares no país, e as pesquisas apontam resultados que podem pesar para o quadro fiscal nacional, o que poderia ter repercussões orçamentárias em toda zona do euro. Ainda, os mercados globais começam a tomar nota da temporada eleitoral nos Estados Unidos, que promete ser volátil após a participação hesitante do presidente Joe Biden no debate contra o ex-presidente e postulante republicano, Donald Trump. “Biden não conseguiu argumentar com clareza, o que dá munição a quem o considera muito velho

para tentar a reeleição”, diz Thiago Pedroso, responsável pela área de renda variável da Criteria. “Começam os rumores de que os democratas possam buscar uma alternativa a Biden contra Trump.” Tendo isto posto, o gestor conclui que o portfólio encerrou o mês de junho de 2024 com valorização de 0,31%, insuficiente para atingimento da meta atuarial acumulada em 0,63%. Em 2024 a carteira de investimentos acumulou rentabilidade de 3,44% frente aos 5,06% da necessidade mínima atuarial. Sem mais assuntos a serem tratados encerra-se a reunião.



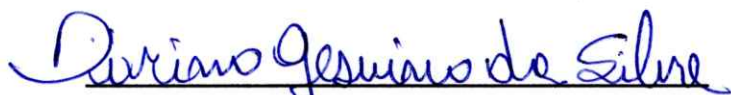
Divani Teles da Silva Assis - Presidente



Ivone Rodrigues da Silva – Secretária



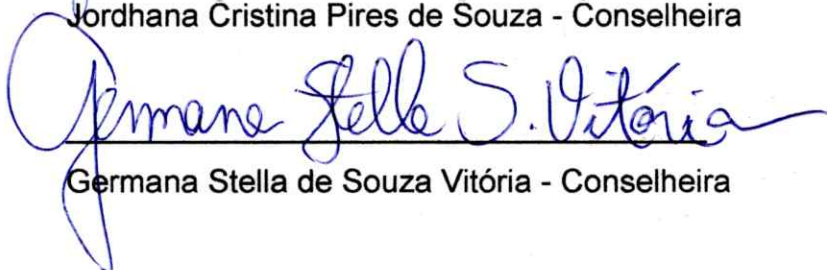
Raphaela Alves Resende – Gestora



Divino Gesuino da Silva – Tesoureiro



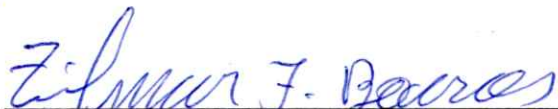
Jordhana Cristina Pires de Souza - Conselheira



Germana Stella de Souza Vitória - Conselheira



Andréia Batista Gomes – Conselheira



Zilmar Faria Barros – Comitê de Investimento